

# Resenha da obra "Arqueologia do Discurso Amoroso" de Ieda Tucherman

*Review of the work "Arqueologia do  
Discurso Amoroso" from Ieda  
Tucherman*

**Marcel Santiago Soares**

## Resumo

Pretendemos resenhar a obra *Arqueologia do Discurso Amoroso*, escrito por Ieda Tucherman, professora titular de Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenadora do grupo de pesquisa Imaginário Tecnológico no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A obra propõe uma genealogia dos discursos amorosos, para tanto é dividida em dois momentos. No primeiro, a autora realiza uma investigação sobre os elementos que possibilitam e dão forma ao discurso amoroso na modernidade. Na segunda parte, são investigados os elementos que compõem este discurso na contemporaneidade.

## Palavras-chave

Discurso amoroso, neoliberalismo, autoajuda.

## Abstract

We aim to review the work *Arqueologia do Discurso Amoroso*, written by Ieda Tucherman, titular professor of Communication at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ) and coordinator of the research group Imaginário Tecnológico in the Research Program and Postgraduate Program of the Communication School in the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). The work proposes a genealogy of love speeches. For this purpose the work is divided into two moments. In the first one, the author does an investigation on the elements that makes it possible and gives forms to the love speeches in the modernity. In the second part, it is investigated the elements that composes this speech in the contemporaneity.

## Keywords

*Love speech, neoliberalism, self-help.*

**Marcel Santiago  
Soares**

**Universidade Federal do  
Rio de Janeiro**

Doutorando em Teoria  
Psicanalítica pela Universidade  
Federal do Rio de Janeiro.

[soaresms@gmail.com](mailto:soaresms@gmail.com)

Parece algo irônico que em setembro de 1977 Roland Barthes tenha dado uma entrevista à revista *Playboy* para falar do seu então recém lançado e futuro grande sucesso *Fragmentos do discurso amoroso* (Barthes, 1990). Nesta entrevista, que vale ser lida na íntegra, o semiólogo, ao ser provocado pelo entrevistador a respeito do ditado que diz “o amor é cego”, vaticina: “o amor não é cego”, e continua, “pelo contrário, tem um incrível poder de decifrar, que tem a ver com o elemento paranoico que está em todo amoroso.” (Barthes, 1990, p. 425).

Parece-nos que Ieda Tucherman segue a inspiração e a sensibilidade de Barthes em seu mais novo livro *Arqueologia do Discurso Amoroso* (Tucherman, 2019), pois para ela esta palavra supostamente gasta, continua a ocupar um lugar privilegiado na atualidade, reformulando os signos de então e indicando quais os novos que fazem parte da nossa gramática amorosa. Daí que seu projeto tenha a leveza de propor uma análise sobre o amor com o rigor de uma investigação dos objetos e discursos que compõem o nosso modo de ser na atualidade.

Para tanto, Tucherman realiza uma genealogia destes discursos. Tal método deseja combater e ultrapassar a sacralidade da origem, indicando as condições de possibilidade para que uma noção possa emergir, naufragar ou mesmo se manter em um mundo de inúmeras mudanças. Então, se este é o método convocado pela autora, é porque ela reconhece a impossibilidade de dar conta da miríade de amores possíveis. Por isso, este livro não pode nem deve ser lido como um dicionário do amor. É, antes, um percurso possível que não esconde suas referências nem tradições, desde a judaico-cristã na qual é impossível pensar o amor sem Deus, passando pela literatura (e o leitor será capaz de perceber o encantamento da autora pela história de Abelardo e Heloisa, sem deixar de lado, claro, Romeu e Julieta), até os elementos mais contemporâneos como *memes* e postagens virtuais.

Em sua análise a autora nos desloca do centro gravitacional por onde o amor usualmente é mencionado e, para muitos, o *locus* onde ele deveria acontecer; insere, a partir do conceito foucaultiano de dispositivo, um outro quadro – ou melhor dizendo, um outro lugar. Sua viragem inicial (uma de muitas) é a de nos distanciar da temática do amor como se preciso fosse tomar alguma distância para melhor apreendê-lo. Seu recorte poderia ser vasto, dado que o amor pareceria à primeira vista ser anacrônico. No entanto, a autora recorre inicialmente a duas matrizes importantes para montar a arqueologia do discurso amoroso no ocidente, a saber: a experiência judaico-cristã, cujo amor é a marca de um contrato de fé; e a experiência grega, através da filosofia, o amor ao saber. Disto ela decantará dois elementos que constituem a experiência amorosa, a análise e a fé. São estas duas forças que orientam a empreitada em questão, uma vez que o amor é, ao mesmo tempo, “projeto e revelação de Deus, do outro e de si, portanto, o meio simbólico radical do mundo que construímos para habitar” (TUCHERMAN, 2019, p. 17).

Dizer que o amor seja então este carro chefe, o significante mestre desta análise, não quer dizer que ele seja totalitário no projeto. Isto porque sendo este “meio simbólico radical”, convoca necessariamente outros elementos que o orbitam. Daí que a paixão tenha lugar privilegiado nas análises da autora e, a reboque, o corpo. Assim, amor, paixão e corpo formam a trindade em uma equação que tantas vezes se viu restrita ao terreno da ascese e da transcendência.

Ainda, se tal arqueologia é construída é preciso se perguntar onde ela ocorre, pois um *locus* espacial é também condição para que possamos atribuir ao enamorado um corpo. Nesta chave, Tucherman nos conduz aos lugares imaginários, desde Atlântida a Ítaca, sem esquecer que Hogwarts e o café de Casablanca são também lugares que povoam nosso imaginário, e que, deste modo, a despeito de seu caráter fantástico, constituem os elementos com que inventamos o mundo e ordenamos nossas vidas. É

reconhecendo este princípio e a fim de retirar todas as consequências dele que poderá dizer “o inexistente pode tanto ou mais que o real” (TUCHERMAN, 2019, p. 55). Pois são os espaços, fantásticos ou não, que interessam à autora, eles seriam um dos dispositivos que organizam nosso imaginário. Não por acaso a noção de Utopia seja convocada, este não-lugar que habita nosso imaginário, menos pelo seu caráter apocalíptico (pois para ela ocorrer é necessário que o mundo, tal qual ele é, finde), e mais pelo que ela enseja como liberdade. De certa forma é como se a autora estivesse a nos lembrar que não se ama em qualquer lugar.

Por isto, não parece ser possível falar do amor na atualidade sem convocar a liberdade - herança tanto da modernidade em sua vinculação com o iluminismo, como também do romantismo. Assim, ao propor, na esteira de Deleuze e Guatarri, que dentro de espaços estriados, cujas normas produzem vincos e estrias, haveriam espaços imaginários, estes por sua vez lisos, a obra nos convoca a pensar justamente os lugares como condição de possibilidade para a emergência de certa forma de ser. Para isto, bastaria acompanhar a escanção entre o público e o privado e a emergência gradual de, cada vez mais, espaços em que as normas pudessem ser pervertidas, torcidas ou anuladas.

Ora, todo este preâmbulo sobre lugares imaginários foi o caminho para que a autora pudesse nos levar a um tempo em que a experiência de intimidade pudesse surgir. É digna de menção a percepção, a partir da historiadora Joan DeJean, de que o sofá, móvel criado no séc XVII, aquele com encosto, acolchoado e braços, foi condição para que os sujeitos pudessem assumir uma postura mais relaxada, estarem próximos, quase tocando-se - e falar segredos íntimos sem serem escutados. É também neste espírito que somos levados ao quarto como ambiente privado, assim como o *robe de chambre*, e a escrivaninha onde os diários e cartas são escritas - todos elementos que denunciam a emergência de uma outra subjetividade que não a figura pública (ELIAS, 2011 [1939]; SENNETT, 2018 [1974]). Como se o mesmo discurso amoroso que é capaz de formular uma expressão como “cair de amores” só pudesse ser proferido em um espaço não só privado, como uma casa, mas sobretudo íntimo, como um quarto.

É na segunda parte de seu livro que Ieda Tucherman aprofunda o alcance de suas análises. Até então estávamos sendo preparados para o caminho do amor nos tempos atuais; pois pensar o amor no contemporâneo é tratá-lo em sua distância com o passado -este “não-vivido”, recuperando os termos de Agamben (2009), o qual atentamos com insistência para encontrar os pontos obscuros de nosso presente. Acreditamos que seja nesse momento da obra que outros saberes possam prestar reverência ao valor da análise proposta, pois se o discurso amoroso é tão polifônico é porque ele é tratado a partir de diferentes chaves de leitura, por diferentes campos de saber. Se cada um destes quadros é capaz de reconhecer no afeto um elemento patognomônico de seus estudos é porque, no limite, desconhece o modo como outros saberes tomaram este discurso. Daí que não raro encontraremos, por exemplo, psicanalistas tomando a linguagem das redes sociais como “sem afeto” ou “pouco simbólica”, pois para estes parece ser impossível pensar o amor como uma experiência anacrônica de vínculo. É o estatuto deste vínculo que as análises de Tucherman nos ajudam a elucidar.

Tudo se passa como se este afeto, ou melhor, o discurso sobre este afeto, fosse um dos elementos fundantes para pensar o modo de ser e estar consigo e com o outro. Destarte, se o contemporâneo tem suas formas privilegiadas de subjetividade, a mais notável (senão hegemônica) talvez seja aquela que Foucault nomeou de “Sujeito empreendedor de si”, em sua análise sobre o neoliberalismo e a biopolítica (FOUCAULT, 2008). Como se sabe, as subjetividades neoliberais são descritas pela forma como agenciam suas vidas tal qual uma empresa, gerindo o tempo, o corpo e os afetos como

capital humano, de modo a produzir lucro. Ora, se a linguagem é aquela da empresa, onde os investimentos precisam ser avaliados segundo os riscos (DARDOT; LAVAL, 2016) o amor não escaparia a este cálculo.

Assim, ela pode analisar a partir de matérias de revistas de circulação de massa o modo como o amor é tratado, o que enseja um capítulo (com o título primoroso) “Nem toda forma de amor vale a pena *ou* paixão é cocaína, amor e rivotril”. O argumento final será o de que, pelo prisma neoliberal, o amor é uma droga, o que atrapalha o desempenho das funções profissionais, alterando a eficácia e a performance. Assim também, o sofrimento amoroso deve-se não a um conflito entre objeto idealizado e objeto real ou a ausência deste, mas antes de tudo à *incapacidade* do indivíduo em não se adaptar à situação do enamoramento. Pode-se ver a equivalência entre os afetos e as substâncias psicoativas, não apenas porque a linguagem dos afetos é substituída pela dos psicofármacos, mas também o modo de experienciar seguirá esta mesma lógica: será preciso uma intervenção no sujeito, preferencialmente uma que feita de si para si, em busca de um “Eu eficaz”.

Nesta esteira, a análise segue para convocar a atenção do leitor para os discursos de auto ajuda, lidos *kit erotismo*, bem como seu correlato, a fobia de relacionamentos, ou nos termos felizes da autora, *anorexia de engajamento*. Aqui trata-se de uma bela investigação sobre os sites de relacionamento e seus efeitos nas subjetividades. A partir do campo aberto pela socióloga Eva Illouz, acerca do capitalismo afetivo, bem como o efeito do amor securitário (contraposto ao amor romântico e suas promessas avassaladoras), em que o cálculo e a avaliação, a razão mais do que a emoção, organizam o cenário e suas possibilidades. Pois, o que tal discurso engendra é, antes de tudo, o temor das escolhas e, por conseguinte, o cálculo dos riscos em toda relação amorosa. Não por acaso a promessa seja o sintagma desta impossibilidade, uma vez que “toda promessa supõe uma data na qual foi feita, a qual é sempre ligada ao passado – supõe o que vamos ser no futuro com o que somos e queremos no presente” (TUCHERMAN, 2019, p. 126).

Aqui, tomando a temporalidade como quadro geral, também entra em cena outro elemento no discurso amoroso: o ciúme. Pois se até pouco tempo o ciúme poderia ser caracterizado por uma ausência de informação a respeito da vida do objeto de amor, um passado desconhecido, atualmente este afeto é mobilizado justamente pelo excesso de conhecimento, pois sei onde estava, com quem estava, a que horas – um excesso de presente poderíamos dizer. Não é mais o passado-ontem desconhecido, mas um presente-agora que ameaça e insiste em romper qualquer vínculo feito. Desta forma, para que sejamos capazes de constituir um laço com o outro é preciso inseri-lo em uma narrativa temporal, aquela que encadeia passado, presente e futuro, a mesma que Freud já nos dizia (FREUD, 2015 [1908]), organiza nossos sonhos e desejos.

Tucherman, em consonância com outros teóricos que tratam das relações na contemporaneidade, marca que há um elemento inovador neste quadro das relações, qual seja, a promessa (e é notável que Barthes a tenha deixado escapar). Parte da gramática amorosa, ela tem por característica maior a capacidade de vincular os sujeitos em um compromisso com o futuro. Pois uma promessa insere no discurso o desejo de um futuro, uma possibilidade que não está inscrita no agora. Em oposição a esta, a autora, inspirada pelo sociólogo Appadurai, sublinha a emergência de um outro termo, a preferência. Esta, por sua vez, não lida com o futuro, mas com a relação com os objetos que estão disponíveis e se apresentam no agora. A consequência da análise retira sua força da simplicidade sagaz: a preferência não cria vínculo porque não supõe futuro algum.

Tudo se passa da seguinte forma: as relações desenhadas a partir do imaginário romântico, eram definidas por *vínculos*, fortes e resistentes; passam na modernidade a serem descritas a partir da ideia de *laços*, que

unem as pessoas, mas que também podem ser desfeitos; e são agora nada mais que *conexões*, fluidas, instantâneas e que estabelecidas a partir do princípio da preferência.

Com este quadro múltiplo e plural Ieda constrói sua arqueologia do discurso amoroso, fazendo questão de nos lembrar a todo momento o quanto o amor, a despeito de tudo, ainda é moeda cara. Nas palavras da autora, “o amor nos faz únicos, é o que permite a verdadeira singularização do sujeito moderno” (TUCHERMAN, 2019, p. 130). Daí que o amor, como dito inicialmente, continue sendo este meio simbólico radical, não apenas porque ele constitui o mundo que habitamos, mas sobretudo porque ele também nos oferece os elementos para organizarmos quem somos, a partir do olhar do outro. Mesmo que este olhar seja fugaz. O que implica outras formas de se agenciar como as redes sociais, o discurso farmacológico e a autoajuda.

É preciso, ainda, que mencionemos certa escolha da edição. A fortuna intelectual da autora é não só reconhecível como também admirável. É tanta a intimidade com os autores que convoca que nos perguntamos se não estamos vendo uma conversa de amigos [algo que ressoa as palavras de Jean-Paul, citadas por Sloderdijk: “livros, [...], são cartas dirigidas a amigos, apenas mais longas” (SLODERDIJK, 2000)]. Talvez tal postura cause estranhamento a maioria de nós, escolásticos e austeros, que nos obrigamos a referenciar nossas fontes, indicando em que página, de que edição, a partir de qual tradução esta ideia foi retirada. A ausência desse código (ao menos uma versão diminuta deste) reflete a escolha do argumento e do estilo, algo ensaístico, de quem deseja tatear um objeto e não quer ser interrompido em um momento de prazer. Sobre isso, não há como não recomendar a “playlist Roland Barthes”, sagaz forma de Ieda de deixar claro seu mundo, agora fora do registro literário. Criada pela autora como forma de cotejar o próprio livro, a trilha sonora encontra em anexo e nos leva para outro lugar. Poderemos através dela imaginar algumas das palavras-chave que Barthes pinçou deste discurso a partir das músicas brasileiras. Não nos escapa que esta deva ser a forma de nos lembrar que um bom encontro amoroso pode ser também um livro com uma trilha sonora ao fundo.

Ao fim, talvez após o maravilhamento das sagazes leituras, a bagagem literária que ela mobiliza, bem como suas pontuais aparições, fique o leitor com a impressão de que este livro não seja apenas uma arqueologia do discurso amoroso. É também em larga medida uma apologia a um momento em que as experiências se davam a partir de outros recursos e técnicas eróticas. Daí certo espírito nostálgico que resta ao fim, como se houvesse uma forma de amar, senão melhor, certamente menos danosa. Ieda, como Barthes, tentou salvar o amor, o que não invalida o rigor de sua análise, mas exige colocar em perspectiva algo do desejo do pesquisador.

## Sobre a Resenha

**Recebido:** 12/06/2019

**Aceito:** 29/07/2019

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

BARTHES, R. **Fragmentos do discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ELIAS, N. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FREUD, S. O Poeta e o Fantasia (1908). In: **Arte, Literatura e os Artistas – Obras Incompletas de Sigmund Freud**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2015.

FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SENNETT, R. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SLOTERDIJK, P. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000

TUCHERMAN, I. **Arqueologia do Discuso Amoroso**. Rio de Janeiro: MauadX, 2019.